



Ⓞ Período Vitoriano:

Rastros Literários e Desdobramentos

Sandra Sirangelo Maggio
Valter Henrique de Castro Fritsch
(Organizadores)

editora
ZO
UK

**Sandra Sirangelo Maggio
Valter Henrique de Castro Fritsch
(Organizadores)**

**O Período Vitoriano:
Rastros literários e desdobramentos**

Porto Alegre • 2023 • 1ª edição

editora
ZO
UK

2023 © Sandra Sirangelo Maggio e Valter Henrique de Castro Fritsch

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Organizadores: Sandra Sirangelo Maggio e Valter Henrique de Castro Fritsch

Ilustrações e capa: Leonardo Pogleia Vidal

Coordenadora da Equipe de Revisão: Giulia Rotava Schabbach

Revisores: Carla Carvalho Pedroso, Gabriela Pirotti Pereira, Isadora Ravazolo Copetti, Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch, Jéssica Porciúncula Jung da Silva, Júlia Corrêa Mitidieri, Luana Hastenteufel Vogel e Vitor Fernandes

Equipe de apoio editorial: Débora Cristina Marini, Giulia Rotava Schabbach, Jéssica Paula Szewczyk Garcia e Leonardo Pogleia Vidal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

P445

O Período Vitoriano [recurso eletrônico]: rastros literários e desdobramentos / organizado por Sandra Sirangelo Maggio, Valter Henrique de Castro Fritsch. - Porto Alegre, RS : Zouk, 2023.
457 p. ; E-book

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5778-130-2

1. Literatura. 2. Crítica literária. 3. Século XIX. 4. Vitorianismo. I. Sandra Sirangelo Maggio. II. Valter Henrique de Castro Fritsch. III. Título.

2023-176

CDD 809
CDU 82.09



direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

03. O povo no abismo: uma exploração do lado escuro da prosperidade londrina

Ícaro Carvalho¹

Antônio Marco Vieira Sanseverino²

Em *The People of the Abyss* (publicado originalmente em 1903), Jack London discorre, em uma narrativa de imersão do próprio autor, sobre as mazelas da *working class*³ londrina e as suas batalhas diárias para conseguir não apenas alimento, mas também um local para dormir. Aproveitando-nos do título com a palavra “Abismo” (do inglês *Abyss*), pretendemos aproximar e melhor compreender esses abismos sociais existentes na sociedade britânica durante a virada para o século XX, especialmente na vida dos habitantes do *East End*⁴ londrino. O contraste apresentado por Jack London culmina na cena em que os sem-teto londrinos passam a dormir no St. James Park em Londres, logo à frente do Palácio de Buckingham, um dos mais imponentes da aristocracia britânica.

Jack London, batizado John Griffith Chaney, foi um renomado escritor e jornalista estadunidense que nasceu e residiu boa parte de sua vida na chamada *Bay Area*.⁵ Tem nos seus *O chamado selvagem* (2015a, publicado em 1903), *O lobo do mar* (2015b, publicado em 1904) e *Caninos brancos* (2012, publicado em 1906) as obras de maior destaque e repercussão para

1 Professor Assistente na Universidade da Califórnia em Los Angeles.

2 Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 *Working class* é o termo em língua inglesa para referenciar as classes trabalhadoras britânicas e irlandesas que encontravam sustento em grandes fábricas.

4 Refere-se aos bairros como Whitechapel, do lado leste londrino, que London visitou para efetuar sua pesquisa.

5 Populosa região situada no estado da Califórnia, Estados Unidos, que se desenvolve ao redor da Baía de São Francisco. Possui grandes cidades como São Francisco, Oakland, San Jose e Berkeley e também a Golden Gate Bridge como cartão-postal.

os leitores brasileiros, tendo inclusive versões traduzidas por Monteiro Lobato. A mesma fama não parece ter se abatido sobre o livro aqui analisado, *The People of the Abyss*, já que, ao consultarmos o repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),⁶ constatamos que há apenas um trabalho desenvolvido sobre a obra. O trabalho é um escrito de conclusão do curso de jornalismo, publicado em 2006 por Carlos Augusto Hentges de Souza. Com exceção a este, há ainda, no mesmo portal, alguns poucos trabalhos que citam a obra de London como um marco, mas não se detêm a analisá-la, valendo-se dela como preceito para os escritos de George Orwell, *Na pior em Paris e Londres* (2006, publicada originalmente em 1933) ou para análises sobre métodos de jornalismo e até cinematográficos. Entre essas obras, cabe destacar a dissertação de mestrado intitulada *Jack London: uma precoce prática etnográfica em O povo do abismo e O cruzeiro do Snark* (2015), de autoria do pesquisador Marcos Mantovani, afiliado à época à Universidade de Caxias do Sul (UCS), em que novamente a análise que se dá é de cunho jornalístico.

A narrativa de *The People of the Abyss*, escrita por London em 1902 e publicada no ano seguinte, cobre meses de vida na então capital do maior império do mundo e mostra que a *Belle Époque* não atingia as camadas mais desprivilegiadas da sociedade, ou, como o autor mesmo diz, o Abismo. Jack London descreve, em tom de denúncia e biografia, seus dias disfarçado de membro da pobre classe trabalhadora inglesa, narrando desde seus desafios e temores até as estruturas físicas das pessoas e de suas habitações, cujas existências parecem ter sido esquecidas pelo restante da sociedade londrina. O livro visou acima de tudo, ao que a pesquisa indicou, denunciar as condições de trabalho aplicadas às classes mais baixas da Inglaterra. Também por entender que a história contada até aqui seja incapaz de abarcar a voz das periferias inglesas, analisamos o livro de London no intuito de exemplificar como moradores de Londres sofriam com a opressão oriunda de camadas mais favorecidas. Ao selecionar tal evento histórico a aparecer aqui, ao invés de outro qualquer, estamos mostrando quais momentos pensamos serem definidores para que os dois Abismos existam na

6 Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

virada do século XIX para o XX, como a revolução industrial ou os costumes vitorianos.

Descida ao distante Abismo

Jack London usa letra maiúscula em todas as vezes que se refere ao termo “*Abyss*”. Em Londres, haveria *O Abismo*, em que o americano entrou por opção própria e do qual fez o centro de sua narrativa. Esse Abismo possuía nome e sobrenome: *East End*, e estava localizado na zona leste de Londres, bem distante das casas do parlamento, do Palácio de Buckingham, do Hyde Park e dos olhos da Scotland Yard. Talvez de forma não surpreendente, o *East End* hoje em dia é refúgio de artistas e boêmios que aproveitam a importante cena noturna instaurada em Shoreditch. Por mais que o Abismo não exista hoje na mesma condição daquela vivenciada por London, é importante ressaltar que os arredores de Whitechapel formam o berço para uma população de imigrantes, principalmente árabes, ocasionando na existência de uma clara distinção social e racial entre os dois lados de Londres: oeste majoritariamente europeu e rico e leste ocupado por pessoas ainda em situações não tão vantajosas financeiramente.

À época da escrita de *The People of the Abyss*, a atuação do Estado se mostrava negligente nas ruas que abrigavam grande parte da prostituição (Rule, 2010), da *working class* e dos crimes hediondos da cidade. Não é de se surpreender que o infame Jack, o Estripador, tenha atuado justamente no *East End* e que todas as suas vítimas estivessem inseridas em Whitechapel. A ineficiência da Scotland Yard em encontrar o assassino de cinco vítimas se deu muito mais por conta da localização geográfica e, por consequência, da baixa atuação policial no bairro, do que pelas artimanhas ou pela perspicácia de Jack. As classes do *East End* pareciam fadadas ao esquecimento tanto dos órgãos públicos, quanto do *West End*, que preferiram continuar por ignorar a existência justamente daqueles que representavam a força bruta para mover a máquina industrial inglesa.

Esses bairros nos quais os Abismos estavam localizados eram tão distantes do centro da cidade que a classe média sequer os via, uma vez que, em seu dia a dia, a existência de tal camada passava despercebida por

cidadãos britânicos que se moviam pelos bairros do oeste ou pela *City*. Essas localidades eram necessárias para abrigar os trabalhadores e manter a lógica de mercado, mas isso não significa que a burguesia deveria vê-los — pelo contrário, pareciam ser invisíveis aos moradores de Chelsea, Hyde Park ou Knightsbridge.⁷ Valendo-se do texto de apoio, Engels chama essa opressão de “assassinato social” (Engels, 2010) que, basicamente, remete às mortes indiretas causadas por essa dominação. Engels diz:

Muito mais numerosas foram as mortes causadas indiretamente pela fome, porque a sistemática falta de alimentação provoca doenças mortais: as vítimas viam-se tão enfraquecidas que enfermidades que, em outras circunstâncias, poderiam evoluir favoravelmente, nesses casos determinaram a gravidade que levou à morte. A isso chamam os operários ingleses de assassinato social e acusam nossa sociedade de praticá-lo continuamente. Estarão errados? (Engels, 2010, p. 69, grifo do autor).

E essa mesma ideia de que os Abismos são de fato capazes de assassinar seus habitantes também está presente no livro de Jack London, como podemos ver em:

É incontestável que as crianças cresçam e se tornem adultos estragados, sem virilidade ou resistência, uma raça apática, de peito estreito e apático, que se desmancha e desce na bruta luta pela vida com as hordas invasoras do país. [...] Então, somos forçados a concluir que o Abismo é literalmente uma enorme máquina de matar homens, [...] (London, 2008, p. 47).

Distante da Londres que ficou famosa a partir das releituras de *Sir Arthur Conan Doyle*, existia uma cidade muito diferente daquela descrita pelos autores contemporâneos a esse escritor. Nessa Londres, não havia riqueza produzida magicamente no exterior por gerações anteriores e herdadas aos personagens — como o Capitão Wentworth, em *Persuasão* (2018[1817]) de Jane Austen, ou Mr. Rochester, em *Jane Eyre* (2018[1847]) de Charlotte Brontë, por exemplo. No seu *Atlas do romance europeu* (2003), Franco Moretti discorre algumas linhas sobre essa sucessão hereditária de

⁷ A partir dessa perspectiva, seria possível reler a abertura de *Esau e Jacó* (1904), em que Natividade e Piedade sobem o Morro do Castelo para consultar a cabocla. Vale retomar a abertura do romance de Machado de Assis.

riquezas nunca muito bem explicadas, em que as famílias dos cavalheiros ingleses fizeram sua fortuna nas colônias britânicas, mas não sabemos como, onde e muito menos quando esse dinheiro foi capitalizado. Podemos ver em:

[...] a geografia mítica — *pecunia ex machina* — de uma riqueza que não é realmente produzida (nunca se diz nada sobre o trabalho nas colônias), mas magicamente “encontrada” no exterior sempre que um romance precisa. E assim, entre outras coisas, a ligação entre a riqueza da elite e a “multidão de pobres trabalhadores” da Inglaterra contemporânea pode ser facilmente cortada: a elite é absolvida, inocente. O que é maravilhoso saber, para as heroínas que querem casar e ascender a ela — e muito melhor, naturalmente, nas décadas da mais dura luta de classes da história britânica moderna (Moretti,⁸ 2003, p. 39).

O impactante parágrafo de Moretti revela um tanto de coisas sobre o protagonismo nas histórias inglesas durante o Período Regencial e a Era Vitoriana. Primeiramente, é muito interessante notar como os autores desse recorte histórico faziam o possível para impor uma neblina — quase londrina — sob o passado de seus personagens para distanciarem-se das constantes lutas de classes, como as retratadas por Friedrich Engels em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (2010). Com esse movimento, os elegantes protagonistas não eram atrelados diretamente às más condições vividas pelas classes trabalhadoras, uma vez que, a princípio, nada teriam em comum com as explorações entre patrões e empregados, já que suas fortunas se acumularam no exterior. Ao que tudo indica, camuflar o passado da riqueza de seus protagonistas foi o suficiente para que as obras viessem a ser bem recebidas pelo público, mas isso revela o tipo de pensamento contido nesse recorte histórico peculiar: explorar as colônias não era malvisto. A história de retornar ao seu lar já foi recontada incontáveis vezes desde a passagem bíblica do filho pródigo (Bíblia, Lucas 15: 11-32) e, aqui, neste caso, podemos adaptá-la ao *Englishman* que sai de sua terra, conquista no exterior e retorna rico às ilhas. Descrito ingenuamente dessa forma não há problemas, mas, aprofundando, notamos como o ato de explorar os escravos na colônia não representava, em nenhum patamar próximo, a exploração dos trabalhadores britânicos. Assim, ao termos esse

8 Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos.

herói polido e rico, temos também uma história de fundo de opressão aos seus submissos, que provavelmente trabalhavam em plantações de açúcar sob sistemas escravocratas. No entanto, isso não aparentava ser um problema, já que, ao menos, ao explorar o outro, não estaria explorando a um dos ingleses.

É justamente nesse tipo de história, abarrotada por luxos de origens misteriosas, que os protagonistas da literatura inglesa do Período Vitoriano vivem, transitam e executam as ações da narrativa: em locais muito distantes daqueles retratados por Jack London. Se os autores eram precavidos em não incitar mais diferenças entre pobres e ricos, como nos mostrou Moretti, o mesmo não acontecia quando a questão era a visibilidade das áreas periféricas de Londres. Para pensar nisso, podemos dizer que a Londres de *The People of the Abyss* é uma Londres em que o detetive mais famoso do mundo não ousou pisar. Sherlock Holmes raramente põe seus pés ao leste da capital britânica — ou melhor, ao leste da Regent Street (Moretti, 2003, p. 93) —, contribuindo para que as histórias literárias no *East End* sejam poucas ou nulas. A rua citada, além de ser uma das mais charmosas da capital britânica, com suas curvas por entre prédios milimetricamente iguais dos dois lados, também podia ser vista como uma separação entre as Londres existentes, visto que, conforme Gareth Stedman Jones no seu *Outcast London* (1984), “um imenso golfo geográfico crescera entre ricos e pobres de Londres”. A oeste, estava o *West End* de palácios e heranças infundáveis; já a leste, estava o *East End*, mais precisamente a Whitechapel dos trabalhadores braçais (nem tão) assalariados, local em que os romances não chegavam a descrever.

Apresentamos, para exemplificar essa questão em específico, uma imagem do mapa de Londres de acordo com o Google Maps, em que traçamos uma linha vermelha exatamente em cima da Regent Street, separando a cidade em dois: oeste e leste. Vemos na imagem:⁹

9 As imagens contidas neste livro estão de acordo com as determinações do Art. 46, parágrafo III da Lei 9.610 de 1998 sobre direitos autorais do Brasil.

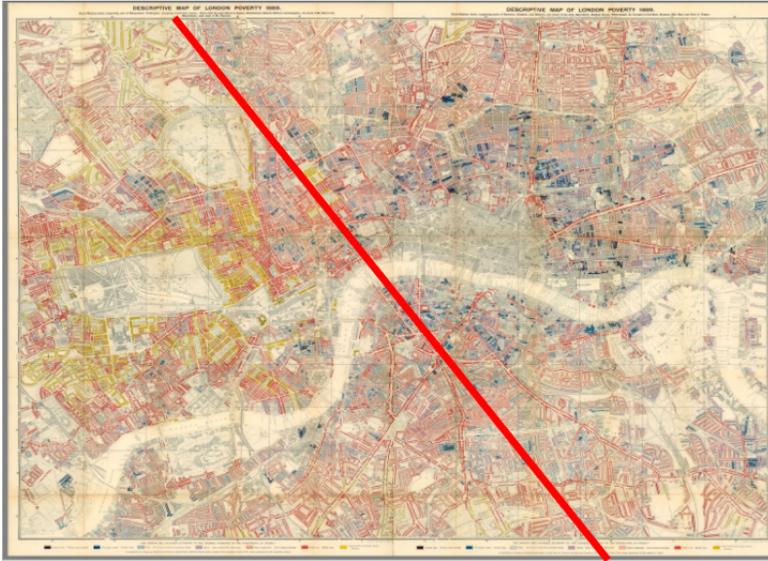
Figura 1: Primeiro mapa da Regent Street



Fonte: Booth, 1902.

A seguir, apresento a mesma linha no mesmo local, mas, ao invés de sobrepôr o mapa atual, agora sobreponho os mapas de Charles Booth em *Life and labour of the people of London* (1902). Debateremos a questão a seguir, mas deixo claro que Booth separou as áreas em dourado como as mais abastadas, as vermelhas como classes medianas e as escuras como as residências das classes menos favorecidas de Londres. A imagem segue:

Figura 2: Segundo mapa de Regent Street



Fonte: Booth, 1902.

A partir dos mapas de Charles Booth, podemos notar como o lado oeste londrino se impõe de forma brutal, a partir de seus dourados, ao *East End*. Concentrando, em sua maioria, apenas prédios comerciais, Charles Booth faz com que a City fique sem cores para seu estudo, mas que sirva como um bom termômetro entre *West End* e *East End*, tal qual a Regent Street. Enquanto os arredores do Hyde Park são iluminados pelo ouro da tinta de Booth, heranças mantidas até os dias de hoje, a Whitechapel Road se bifurca num vermelho que direciona diretamente às áreas mais azuis e escuras do mapa. O estudo de Booth revela mais detalhes sem deixar de qualificar a atroz desigualdade social investigada por Jack London na cidade presente dentro do seu Abismo semibíblico, onde a classe média no *East End* se caracteriza por estar espalhada pelas ruas principais de Whitechapel, justamente onde London se instala com sua máquina de escrever para aliviar-se do estresse de viver como um trabalhador inglês.

Começa a ficar ainda mais claro o tipo de ambientação que acontecia nos romances ingleses, já que a maioria dessas narrativas estava orquestrada a oeste do marco aqui estabelecido para esta pesquisa: a Regent Street. A

situação fica, no mínimo, mais curiosa quando investigamos o supracitado detetive Sherlock Holmes e suas aventuras pela capital britânica. Antes de qualquer análise, apresento o *site* Sherlock Holmes: Maps,¹⁰ cujo autor faz um levantamento de boa parte das localidades citadas nas histórias do detetive de *Sir* Arthur Conan Doyle. Vemos o resultado abaixo:

Figura 3: Mapa Sherlock Holmes



Fonte: Google Maps.

O maior detetive do mundo não vai de fato aos locais mais perigosos e suscetíveis a crimes violentos da cidade. Sherlock Holmes e o Doutor John Watson se concentram primordialmente no *West End*, algumas vezes na financeira City e míseras quatro aparições nos arredores de Whitechapel. São elas nos contos: “The Adventure of the Cardboard Box”, “The Adventure of Black Peter”, “The Adventure of the Creeping Man” e “The Adventure of the Six Napoleons”. Sem dúvida, somente desse aspecto conseguimos tirar boas teorias e suposições tanto sobre a audiência de Doyle, quanto sobre a literatura praticada no final do século XIX. Quando Jack, o Estripador começa a atuar em Whitechapel no ano de 1888, a maior força para que seus

10 Disponível em: https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1W_dmSvo-gCIDkl4N-SheGRNkJhdM&msa=0&dg=feature&ll=51.511500121627385%2C-0.1084458615089261&z=13. Acesso em: jun. 2020.

assassinatos continuassem impunes foi a falta de presença policial aliada à incapacidade da Scotland Yard (Rule, 2010) de agir em uma área tão pouco patrulhada e pouco conhecida pelos oficiais.

Sabendo disso, ainda de acordo com Fiona Rule, a criminalidade no *East End* crescia ao passo que o local parecia estar sendo esquecido pelo restante da cidade. Assim, por mais que seja surpreendente notar que Sherlock Holmes não se deslocava até o local em que os crimes reais estavam, essa dinâmica de Doyle é compreensível. Com intrigas fictícias geralmente envolvendo as altas classes londrinas, Holmes e Watson faziam sucesso entre as classes que tinham condições financeiras de ter momentos de ócio para ler ao mostrar justamente localidades com as quais essas pessoas estavam habituadas a conviver. A história seria muito melhor aceita — e vendida — se Doyle escrevesse sobre o Hyde Park ou sobre a Piccadilly Circus do que se de fato retratasse as misérias e os crimes brutais pelos quais o *East End* passava na virada do século. As elites possivelmente não estariam interessadas em ler sobre um detetive nem tão elegante assim investigando a violência contra prostitutas, as invasões de albergues, o excesso nos preços cobrados pelos *landlords* ou a ascensão de gangues formadas por adolescentes. Pelo contrário, a elite estaria muito mais interessada em um detetive trajado de sobretudo e cartola, aliado ao médico com estresse pós-traumático resolvendo crimes sobre heranças, visitas a locais históricos ou misteriosas cartas deixadas por recém-falecidos. Assim, temos o maior detetive do mundo incapaz de ir a certos locais dentro de sua própria cidade, dizendo a nós diretamente que o *East End* não faz parte da Londres de Holmes.

As pessoas do Abismo

Se na obra *The People of the Abyss* (2008) temos personagens tão maltratados que se tornam apáticos, dispensáveis e frágeis, na história londrina, encontramos casos que combatem diretamente essa inércia estipulada pela narrativa do autor estadunidense. Os momentos de resistência na capital britânica se expressam em um dos movimentos mais marcantes da história de luta do *East End* londrino: a Greve das Docas de 1889, anos antes

da chegada de Jack London à Inglaterra. Devido principalmente à proximidade entre Whitechapel e o Rio Thames, muitos dos homens buscavam, na margem norte do rio, muito próximo à City, um emprego de estivador ou carregador de mercadorias que lhes duraria apenas para aquele dia. A cada dia, milhares de moradores do Abismo de Jack London se locomoviam até as docas para conseguir o sustento diário que teria de ser reconquistado no dia seguinte e assim sucessivamente. A busca por emprego nas docas é descrita por Jack London no trecho:

Nenhum espetáculo mais sombrio pode ser encontrado nesta terra do que todo o “terrível *East*”, com Whitechapel, Hoxton, Spitalfields, Bethnal Green e Wapping nas docas das Índias Orientais. A cor da vida é cinza e monótona. Tudo é impotente, sem esperança, sem alívio e sujo. Banheiras são algo totalmente desconhecido, tão mítico quanto a ambrosia dos deuses. As próprias pessoas são sujas, enquanto qualquer tentativa de limpeza se torna uma farsa uivante, quando não é lamentável e trágica (London, 2008, p. 227).

London descreve as condições nas quais as pessoas que buscavam emprego nas docas se encontravam: sujas, impotentes e sem esperança. Esses trabalhadores, que já não eram bem remunerados, no ano de 1889, passam a receber cada vez menos libras por seu trabalho braçal devido a uma baixa no comércio do porto de Londres e uma queda nos preços para atrair novas empresas de exportação (Rule, 2010). A companhia das docas de Londres permanece insistindo para que os descarregamentos dos navios sejam feitos na máxima velocidade, mesmo que os pagamentos aos trabalhadores tenham sido reduzidos ao mínimo. Assim, em 14 de agosto de 1889, os homens empregados nas docas se recusam a continuar com o seu trabalho até que se chegue ao acordo de uma remuneração justa, fazendo com que os donos das West e Indian Docks percebam que não possuíam total controle sobre seus empregados. A situação se agrava para os empresários no momento em que os homens que carregavam os navios também se juntam ao protesto, em defesa daqueles que descarregavam as mercadorias. Os números indicados por Fiona Rule chegam a impressionantes 130 mil trabalhadores em greve nos últimos dias de agosto daquele ano, uma

vez que grande parte dos outros trabalhadores do porto também se une ao movimento.

Os empresários não atendem às demandas dos trabalhadores, inicialmente partindo do pressuposto de que a greve se extinguiria quando os trabalhadores e suas famílias passassem a ter fome ou problemas com os *landlords*, já que não recebiam salário de nenhuma outra fonte. No entanto, com apoio da mídia e da população de Londres, os grevistas passam a receber alimentos e valores em dinheiro para que a manifestação não perca força, resultando na primeira real dor de cabeça aos proprietários das docas. Com a greve estabelecida há semanas, as empresas de logística passam a pressionar os empresários em busca de uma resolução para o caso, visto que não havia qualquer movimentação no porto de Londres e, assim, se instaura um comitê sob o poder do prefeito londrino. A greve se encerra em 16 de setembro de 1889, cinco semanas após suas primeiras manifestações, e praticamente todas as demandas dos trabalhadores são atendidas, criando um precedente impressionante que ainda não havia sido visto em terras britânicas para os acordos entre sindicatos e empregadores.

A Greve das Docas de 1889 possibilita um desenvolvimento rápido no movimento trabalhista a partir dos reforços aos recém-instituídos sindicatos, ocasionando uma remodelagem de condições de trabalho aos portuários, e posterior ascensão social e política dos líderes da greve. Não podemos deixar de considerá-la um dos grandes marcos na luta de classes desenvolvida nos Abismos ingleses e também relatar como essa greve ajudou a chamar a atenção da opinião pública para as precárias condições nas quais grande parte da população londrina estava inserida.

A corrente em voga à época fazia com que as descrições animais contribuíssem diretamente com o intuito da narrativa de apresentar personagens que estão à mercê dos acontecimentos, já que um “animal do campo” pouco pode decidir sobre seu próprio futuro. Esses traços estão presentes em *The People of the Abyss*, ao comparar os habitantes do Abismo londrino com bestas de pouco ímpeto:

Mas, na melhor das hipóteses, é uma felicidade animal monótona, a saciedade barriga cheia. O que domina suas vidas é o materialismo. Eles

são estúpidos e pesados, sem imaginação. O Abismo parece exalar uma atmosfera estonteante de torpor, os que envolve e amortece. A religião passa por eles. O Invisível não lhes dá terror nem prazer. Eles não têm consciência do Invisível; e a barriga cheia e o cachimbo da noite, com suas cervejas, é tudo o que eles exigem, ou sonham exigir, da existência (London, 2008, p. 43-44).

Esse trecho em especial é capaz de representar aspectos tanto sobre a visão da narrativa de Jack London, quanto sobre as condições em que essas pessoas estavam inseridas. A animalização presente na narração de London talvez seja ainda mais cruel do que a habitual ao movimento naturalista. A inserção de London no Abismo londrino retrata diretamente a falta de humanidade presente nessas comunidades e como o grupo mais pobre parecia agir como um ser amorfo de consciência comum. Esse grupo de pessoas de “felicidade animal” retoma justo o que foi discutido há pouco: a falta de qualquer ambição ou possibilidade de desejar algo além do que já está disposto. London é claro ao dizer que as pessoas do Abismo se contentam com pouco e são incapazes de imaginar outros cenários e até mesmo de entender alguma religião. Ao dizer isso, London reforça a proximidade daquela massa às características de animais que desejam apenas se alimentar e possuem poucas exigências para seguir existindo. No entanto, apesar de nos informar desse panorama, London parece ter consciência de que viver no Abismo não é uma opção e, ao ser morador de um desses locais, os habitantes são o que são por conta do meio em que se encontram, como fica evidente em:

Vivendo como porcos, enfraquecidos pela desnutrição crônica, sendo minados mental, moral e fisicamente, que chance eles possuem para sair do Abismo em que nasceram? Enquanto escrevo isso, e por uma hora depois, o ar ficou hediondo por uma briga brutal e violenta acontecendo no quintal que fica de costas para o meu quintal. Quando os primeiros sons me alcançaram, aceitei o latido e o rosnado dos cães, e alguns minutos foram necessários para me convencer de que seres humanos e mulheres podiam produzir um clamor tão assustador (London, 2008, p. 50, grifo nosso).

Ao questionar “que chance eles possuem para sair do Abismo em que nasceram?”, London parece compactuar com a ideia de que a opressão

é tamanha nesses locais, que acaba por inviabilizar qualquer chance de ascensão socioeconômica dos moradores. Podemos, assim, conceber que a força opressiva é tamanha a ponto de ser capaz de definir o indivíduo, suas aspirações e suas oportunidades. Se o excerto já não fosse naturalista o suficiente, London contribui com a corrente ao narrar uma “briga brutal” que ocorria nas redondezas. A narrativa dirige o interlocutor à ideia de que seja uma desavença entre animais ao empregar “latido” e “rosnado” para descrever os sons emitidos pelo atrito, mas, surpreendentemente, London subverte a nossa expectativa ao terminar o parágrafo nos mostrando que aqueles ruídos animais eram, na verdade, produzidos por seres humanos.

Considero esse trecho um dos mais vitais para que possamos ter uma melhor luz no que diz London sobre a sociedade que o autor escolhe retratar. Se, por um lado, os moradores do Abismo londrino são vítimas de toda a construção que envolve o capital britânico e, por isso, incapazes de abandonar os hábitos de pouca higiene, por outro, são justamente esses hábitos os responsáveis por transformá-los em animais a partir da visão de London. Essa ambivalência parece ser, além de uma rua sem saída, um círculo vicioso, no qual uma pessoa só deixaria de comportar-se como animal no momento em que saísse do Abismo, o que parece ser virtualmente impossível. As engrenagens que movem o sistema aparecem novamente no trecho seguinte:

Na melhor das hipóteses, a vida na cidade não é natural para o ser humano; mas a vida na cidade de Londres é tão antinatural que um trabalhador ou operário comum não aguenta. A mente e o corpo são minados incessantemente pelas influências prejudiciais no trabalho. [...] Se não for algo a mais, o ar que ele respira, e do qual ele nunca escapa, é suficiente para enfraquecê-lo mentalmente e fisicamente, de modo que ele se torna incapaz de competir com as vidas que vêm do campo, que correm para a cidade de Londres para destruir e serem destruídos (London, 2008, p. 45-46).

O excerto rememora um dos trechos de Friedrich Engels (2010) aqui explorados, em que o pensador alemão discorre sobre a diferença da vida

nos campos ingleses, em especial próxima aos *moors*,¹¹ para as cidades industriais em ascensão. Tanto London quanto Engels defendem que a vida na cidade é uma situação não natural tanto para a mentalidade humana quanto para o seu bem-estar físico, ocasionando eventualmente efeitos colaterais severos. Aqui, London discorre sobre os desafios constantes que são impostos aos trabalhadores por conta de suas vidas nas fábricas britânicas, desde o ar que respiram, possivelmente impregnado de produtos químicos, até o ritmo incessante de carga horária imposto pelos patrões.

A questão central do último excerto selecionado, porém, para esse momento da discussão, é justamente como alguns dos personagens no contexto brasileiro tentavam alcançar classe social superior através do matrimônio. O mesmo não parece acontecer nas observações de Jack London, como podemos ver no trecho:

Para o jovem trabalhador, para a mulher trabalhadora ou para o casal, não há garantia de uma meia-idade feliz ou saudável, nem de uma velhice segura. Por mais que trabalhem, não podem garantir seu futuro. É tudo uma questão de sorte. Tudo depende do que está acontecendo, coisa com a qual eles não têm nada a ver. A precaução não é capaz de amenizar, nem os truques podem evitar o destino. Se permanecerem no campo de batalha industrial, devem enfrentá-lo e arriscar-se contra grandes probabilidades (London, 2008, p. 261).

Ao contrário do que esperaríamos de uma sociedade vitoriana, aqui o casamento não aparece representado como uma tradição benéfica, ou até mesmo uma solução de mobilidade social, uma vez que acaba por parecer estratificar ainda mais aqueles que oficializam a união. O trecho de London é extremamente conformista, mas, ao mesmo tempo, reflexo de uma realidade de poucas esperanças. Não encontrei, durante a pesquisa, material histórico suficiente para corroborar a teoria de que em Londres haveria menos mobilidade social através de casamentos, mas, se partirmos do ponto de vista ficcional, é muito presente a relação matrimonial apenas entre classes semelhantes. Por mais que, por exemplo, Elizabeth Bennet tenha no casamento com Mr. Darcy uma segurança financeira diferente da sua

11 Presentes em diversos romances britânicos, os *moors* são presença constante na paisagem inglesa, galesa, escocesa e irlandesa. Traduz-se geralmente por «charneças».

própria condição, ela não está nem um pouco próxima dos Abismos ingleses ou das personagens narradas por Jack London. Por outro lado, London nos apresenta o casamento como fonte de pobreza:

“[...] Olhe para mim! Eu posso tomar minha cerveja quando eu quiser, e nenhuma senhora ou crianças chorando por pão. Estou feliz com a minha cerveja e companheiros como você, como um bom navio chegando para outra viagem ao mar. Então eu digo, vamos tomar outra cerveja. As bebidas são boas o suficiente para mim.” (London, 2008, p. 37).¹²

London conversa com um dos representantes da *working class* inglesa a fim de tentar compreender as motivações e os desejos do cidadão que, ao contrário do que o intrínseco *American way of life* de London orienta, não almeja constituir família ou casar-se. Se nos Estados Unidos do início do século XX a ideia de constituir família e comprar a casa própria já começava a ser difundida, atingindo o ápice no período pós-Segunda Guerra, para esse exemplo de trabalhador do *East End* a situação não parecia assim tão vantajosa. Dotado de pensamento quase puramente matemático, o entrevistado de London deixa claro que o orçamento não comportava constituir uma família e ser capaz de viver sem maiores incômodos, visto que os filhos e a esposa estariam sob sua responsabilidade financeira. Assim, entre vir a ter preocupações com outros seres humanos ou preocupar-se apenas com a sua bebida e seus amigos de *pub*, o *EastEnder*¹³ opta por gastar suas economias com suas cervejas.

London, mais adiante, diz, de forma um tanto quanto conformista: “E dia após dia fiquei convencido de que não apenas é imprudente, como também é criminoso o povo do abismo se casar” (London, 2008, p. 40). O pensamento de London parte dos trechos apresentados logo no segundo capítulo de *The People of the Abyss*, em que os empecilhos a qualquer

12 Tradução própria. Cabe trazer aqui o trecho original de London, por conta da forma como o escritor altera a grafia das palavras, sendo capaz de nos dar ritmo e variação presente na fala do trabalhador inglês: “[...] Look at me! I can ‘ave my beer wèn I like, an’ no blessed missus an’ kids a-crying for bread. I’m ‘appy, I am, with my beer an’ mates like you, an’ a good ship comin’, an’ another trip to sea. So I say, let’s ‘ave another pint. Arf an’ arf’s good enough for me.”

13 *EastEnder* se refere a quem é morador do *East End* londrino.

forma de vida confortável são apresentados ao interlocutor. O casamento de forma alguma representava a mesma capacidade de ascensão social como consta n'*O Cortiço*, visto que em Londres o casal teria de dividir a habitação com outras pessoas para poder arcar com o gasto de moradia, mesmo com os dois salários dos cônjuges. Caso a família crescesse, os filhos provavelmente viriam a habitar o mesmo quarto do casal, implicando primeiramente na falta de privacidade e, em longo prazo, em dificuldades financeiras com poucas perspectivas de mudança, mesmo com os filhos empregados. A vida no Abismo londrino impõe restrições tão ferrenhas que até o mais simples da vida conjugal parece ser um sonho distante para os moradores do *East End*. Se Pombinha e D. Isabel sonham com o dia do casamento como forma de ter acesso a uma vida mais confortável, para os casais de Londres não havia cortiço de aluguel minimamente acessível. A vida em Londres concentrava riquezas para que, por consequência, os menos favorecidos fossem obrigados a dividir quartos.

Implicações para o presente e suas conclusões

O fim deste escrito é justamente um olhar sobre o passado recente e o presente dessa sociedade, partindo a explorar quais consequências os Abismos deixaram para as futuras gerações. Por mais que não vejamos tais implicações como diretas e concretas, acreditamos que a discussão e as suposições que serão feitas a seguir cabem como forma de entender o desenvolvimento um século depois. Com o tempo, as políticas públicas e sociais britânicas, sem qualquer ingenuidade, passam a oferecer uma melhoria sem precedentes quando comparamos com a situação desumana presenciada na *East End* de Londres. No entanto, há um ponto que pouco mudou desde a visita de Jack London ao Reino Unido: a questão da moradia.

Como já vimos em algumas passagens do texto de Jack London, grande parte da classe trabalhadora de Londres se empilhava em apartamentos de Whitechapel; famílias dividiam quartos entre si e até mesmo com outras pessoas. A falta de privacidade acarretava, principalmente, no desenvolvimento de distúrbios psicológicos e, conseqüentemente, no exagero do consumo de substâncias que contornavam o estresse urbano. Quase 120

anos depois do relato de London, a situação melhorou consideravelmente, mas o Reino Unido e a Irlanda ainda apresentam os maiores problemas de moradia na Europa Ocidental. O *ranking* produzido e divulgado pelo Deutsche Bank,¹⁴ que tem por objetivo traçar os preços de produtos e serviços em diversas localidades, apontou que Londres e Dublin figuram entre as oito cidades com aluguéis mais caros e são, respectivamente, primeiro e segundo lugares quanto ao preço do transporte público. Em contrapartida, as duas cidades se encontram mal colocadas no cálculo sobre o quanto de renda resta a um casal após as despesas com o aluguel, significando, portanto, que Londres e Dublin são caras tanto para se morar quanto para se locomover, sem que o salário seja compatível quando comparamos com outros grandes centros. Em outras palavras: os salários das capitais irlandesa e britânica não oferecem as mesmas condições de relação entre salário, moradia e transporte do que outras cidades de grande porte. O estudo em si apenas nos mostra que há uma falta de equilíbrio nos dois contextos, mas é a partir de algumas reportagens que somos capazes de entender que a situação descrita por London ainda produz heranças no mercado imobiliário atual. Em 2019, a BBC da Irlanda do Norte divulgou uma matéria retratando justamente a imensa dificuldade encontrada por aqueles que almejam viver na capital da República da Irlanda. Abaixo um trecho:

Mallaghan viveu em Dublin por seis meses em 2014, antes de voltar para o norte, de onde é originária.

“Agora tenho amigos que pagam 1.500 euros por um quarto — então não é inteligente”, disse ela.

Para muitos na cidade, alugar significa garantir um quarto ou, em alguns casos, apenas uma cama — e isso ainda está longe de ser a opção mais barata.

Alugar um quarto individual no centro da cidade de Dublin pode ter um custo médio mensal de € 713 (£ 610) (McNamee, 2019, n.p.).

Apenas para contextualizar antes da análise: o salário mínimo vigente na Irlanda é de 10,10 euros por hora.¹⁵ Assim, um trabalhador que

14 Disponível em: https://www.dbresearch.com/PROD/RPS_EN-PROD/PROD000000000494405/Mapping_the_world%27s_prices_2019.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

15 Disponível em: https://www.citizensinformation.ie/en/employment/employment_rights_and_conditions/pay_and_employment/pay_inc_min_wage.html. Acesso em: 30 jun. 2020.

dispuser de 8 horas diárias e cinco dias por semana, ao fim de 28 dias terá arrecadado 1.616 euros. Ou seja, a opção mais viável para esse trabalhador de renda mínima seria alugar um quarto por 700 euros, tendo de morar com outras pessoas e tendo de dedicar quase metade de seu salário somente com as despesas de aluguel. Essa realidade faz com que várias das situações descritas por London em 1902 sejam retomadas nos dias atuais. Mesmo que saibamos que as condições sociais tenham se elevado consideravelmente, não podemos deixar de inferir como essa falta de privacidade eventualmente pode causar algum dano psicológico, tal qual nos relatava Jack London. Devemos materializar a figura de um trabalhador assalariado com o mínimo, muitas vezes imigrante, que deve escolher entre ter um quarto para si ou apenas uma cama para si, podendo economizar mais ou menos dinheiro. Não seria surpresa, então, notar que a maior parte dos prédios centrais de Dublin, justamente por não ser necessário gastar com o caro transporte público, esteja abarrotada de estudantes, imigrantes e trabalhadores de baixo salário que dividem quartos muitas vezes até em quatro pessoas. A dinâmica imposta na capital irlandesa faz com que ou se pague um aluguel mais barato nos subúrbios e, com isso, se acabe gastando tempo e dinheiro com o transporte, ou se habitem apartamentos superlotados para poder economizar na locomoção pela cidade.

A situação foi pesquisada em outros cinco artigos que corroboram a impossibilidade de dublinenses e londrinos de alugarem um apartamento somente para si tendo um salário mínimo como renda mensal. Com a maior parte dos imóveis tomando quase a totalidade dos rendimentos dos dublinenses, muitos jovens irlandeses efetuam o movimento de ocupar os subúrbios,¹⁶ fazendo com que o centro urbano de Dublin acabe sendo ocupado por imigrantes e estudantes que dividem pequenos apartamentos e até pequenos quartos. Uma das personagens a fazer essa migração é uma jovem fisioterapeuta que nos conta:

Emma é fisioterapeuta com sede em Dublin. Ela paga 1000 € todos os meses para dividir uma casa com outros dois profissionais. Mas, dois

16 Como vemos em: <https://www.image.ie/life/officially-been-squeezed-dublin-rent-rat-race-moving-hour-half-away-dublin-rent-crisis-154373>. Acesso em: 30 jun. 2020.

anos depois da faculdade, ela diz que basta. “Apenas me sinto espremida. Acho uma loucura gastar tanto em uma casa sem atrativos e em uma área mediana. Não vale a pena o que estou pagando. Estou farta” (Cassidy, 2020).

Ao contrário do que esperaríamos, esse abandono da principal região de Dublin não impacta na lei de oferta e demanda, uma vez que a cidade é constantemente procurada por forasteiros nacionais e internacionais por conta de sua alta oferta de empregos. No entanto, o mercado imobiliário centrado unicamente na iniciativa privada não foi capaz de lidar com o rápido crescimento populacional quando comparamos com a baixa disponibilidade de residências, assemelhando-se muito com os problemas enfrentados por Jack London na sua missão nos primeiros anos do século XX. Assim como em Dublin, a cidade de Londres também apresenta a mesma relação entre três aspectos: *i.* salários baixos, *ii.* aluguéis inflacionados e *iii.* a impossibilidade de se ter um espaço somente para si. Um estudo feito pelo jornal *The Guardian*¹⁷ mostra que, se seguirmos com o crescimento dos preços de aluguel, muitos dos jovens estarão dispostos de mais de 40% de seus salários somente para garantir um teto para morar. Esse número representa, também, que mais de meio milhão de londrinos *millennials*¹⁸ estarão sem condições de pagar pelo aluguel nas próximas décadas. A matéria sinaliza ainda que o setor privado tem grande responsabilidade, por concentrar a maior parte dos imóveis disponíveis para aluguel, enquanto a gestão pública peca por investir menos do que se acredita ser necessário para conter o problema.

Esses fatores fazem com que os valores de aluguel e transporte praticados nos locais que um dia foram Reino Unido acabem por se diferenciar consideravelmente de outros centros europeus, onde, historicamente, os governos investiram mais em políticas públicas de moradia. É muito semelhante com o modo como o *East End* abrigava a maior parte dos trabalhadores braçais, e com menores salários por consequência, que buscavam empregos no centro da cidade. Empoleirados em pequenos apartamentos,

17 Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2019/jul/17/renting-millennials-homelessness-crisis-retire>. Acesso em 30 jun. 2020.

18 Termo que designa, geralmente, pessoas nascidas entre 1980 e o final da década de 1990.

os habitantes do Abismo de London lutavam para pagar o aluguel e entregavam grande parte de seus rendimentos diretamente nas mãos dos seus *landlords*. Podemos dizer que a situação vivida por London é incomparável com a dos dias atuais, principalmente por conta dos inúmeros avanços nas liberdades individuais, na capacidade de migração e no respeito aos direitos humanos. No entanto, é muito interessante notar como as duas principais capitais das ilhas britânicas ainda lidam com algo descrito há mais de 100 anos, sendo herança direta do Abismo desenvolvido durante a Revolução Industrial.

Em 31 de janeiro de 2020, o país saiu da União Europeia e começou a caminhada solitária do Brexit.¹⁹ Tendo sido votado em 23 de junho de 2016 pelos britânicos, que decidiram sair da coalisão de países, o resultado do referendo culminou na resignação do primeiro-ministro David Cameron e também no de sua sucessora, Theresa May, por conta das dificuldades em manejar todas as atribuições políticas, econômicas e sociais que envolviam pôr o Brexit em prática. Com uma votação apertada, 51,9% contra 48,1%,²⁰ a saída só se efetuou sob as rigorosas ordens do primeiro-ministro Boris Johnson, seguindo até o momento sem grandes tribulações.

À época da votação, diversos fatores levaram ao resultado surpreendente, desde propagandas dos partidos de extrema-direita e independentes, passando pelo reavivamento de sentimentos do passado britânico, até a tão batida questão dos imigrantes (que, por sinal, continuam e continuarão no Reino Unido mesmo após o Brexit). No entanto, uma importante pesquisa da Universidade de Warwick levantou a questão sobre o importante papel da austeridade no momento de efervescência dos sentimentos britânicos de independência do conselho europeu, uma vez que, ao votar “Leave”,²¹ o Reino Unido encerra mais de meio século de políticas europeias de integração entre seus países. A pesquisa foi desenvolvida pelo economista Thiemo Fetzer (2018) e concluiu que a austeridade econômica, praticada

19 A palavra “Brexit” vem da união de *British* (Britânico) e *exit* (saída), significando o processo de saída do Reino Unido da União Europeia.

20 Disponível em: https://www.bbc.com/news/politics/eu_referendum/results. Acesso em 20 jul. 2020.

21 O voto para sair da União Europeia.

principalmente pelo partido conservador (*Conservative Party*) nos anos 2010, pode ser considerada uma das ações responsáveis pelo crescimento dos ideais independentes e pelos partidos populistas. Podemos tentar definir “austeridade”, de acordo com informações do jornal *The Economist*,²² como o máximo possível de economia em um orçamento muito limitado que, quando aplicado a um país inteiro, significa reduzir o déficit estrutural a partir do aumento de impostos, diminuição de gastos públicos e também de políticas de bem-estar social.

A austeridade britânica se iniciou como resposta à famosa crise de 2008, que teve, como estopim, o mercado imobiliário estadunidense e suas hipotecas infundáveis, e que visava fazer com que o Estado gastasse menos para que a economia britânica estivesse mais segura nos anos seguintes à recessão. No entanto, as consequências após 10 anos de políticas do tipo não foram tão favoráveis quanto os otimistas esperavam. Em 2019, o jornal *The New York Times* publicou a declaração da então primeira-ministra Theresa May dizendo que a época de austeridade estava findada,²³ mas a mesma reportagem segue a matéria enumerando os malefícios causados pela década de austeridade: um número massivo de crianças voltou à linha de pobreza, fato somado a uma curva ascendente de desemprego, de crimes violentos e de famílias que precisam de auxílio governamental. Aliada a essas situações, a disseminação de *fake news* durante a campanha do Brexit²⁴ — que puseram seus esforços no “roubo” dos empregos britânicos por estrangeiros — e a insatisfação geral fizeram com que ele fosse possível, votado, aprovado e efetivado. Assim, podemos concordar com a pesquisa da Universidade de Warwick, que concluiu que a austeridade foi um dos principais fatores que levaram o Reino Unido a sair da União Europeia, mesmo que essa saída seja, por enquanto, com o perdão do trocadilho, apenas para inglês ver.

22 Disponível em: <https://www.economist.com/buttonwoods-notebook/2015/05/20/what-is-austerity>. Acesso em: 20 jul. 2020.

23 Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/02/24/world/europe/britain-austerity-may-budget.html>. Acesso em 07 jul. 2020.

24 Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-48356351>. Acesso em: 7 jul. 2020.

Assim, mostramos, não apenas nesta conclusão, como também em outras passagens, como a vida nos Abismos na virada para o século XX influenciou a cultura, sociedade, política e economia das gerações seguintes, tanto do Brasil, quanto do Reino Unido e Irlanda. Por mais que possamos traçar uma linha direta desde os Abismos até algumas de suas consequências — como a falta de moradia adequada —, não vemos como estabelecer um elo absoluto entre outros fatos que podem vir a ser consequência da época narrada por Jack London. Buscamos apresentar o Brexit como o ponto final, e também o ponto de mudança, de uma corrente de acontecimentos e políticas públicas impostas pelos governantes britânicos, mas estabelecer uma ligação direta entre a exploração presente nos Abismos e a votação pró-Brexit parece um tanto quanto aventuroso. Deste modo, optamos por expor a saída da União Europeia e estudos que apresentam quais supostos acontecimentos levaram ao resultado do referendo para debater momentos no presente com base em acontecimentos do passado. Reforçamos a dificuldade em delimitar quais episódios são, ou podem vir a ser, diretamente influenciados pela condição opressora na qual se encontravam os Abismos, mas, acima de tudo, acreditamos que seja válida a apresentação de aspectos das duas sociedades para que possamos debater, supor e, por consequência, perpetuar a história dos trabalhadores da virada do século XX.

Referências

ACKROYD, Peter. *London: the biography*. London: Vintage, 2000.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Domínio Público, 2003. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00002a.pdf> Acesso em: 31 dez. 2020.

ANTUNES, Laura. *A arquitetura hostil das cidades: grades, pedras ou divisórias, o que importa é afastar as pessoas*. Rio de Janeiro: Colabora, 2016. Disponível em: <https://projecocolabora.com.br/ods11/a-arquitetura-hostil-das-cidades/>. Acesso em: 1 maio 2020.

AUSTEN, Jane. *Persuasão*. São Paulo: Martin Claret, 2018.

BATTAUS, Danila M. de Alencar; OLIVEIRA, Emerson Ademir B. O direito à cidade: urbanização excludente e a política urbana brasileira. *Revista Lua Nova*, São Paulo: CEDEC, 2016.

HOUSING crisis affects estimated 8.4 million in England – research. *BBC*, London, 23 Sept. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-49787913>. Acesso em: 7 jun. 2020.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: o Novo Testamento*. Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2016. Disponível em: <https://media.lds-cdn.org/pdf/lds-scriptures/new-testament/new-testament-83291-por.pdf?lang=eng>. Acesso em: 3 maio 2020.

BOOTH, Charles. *Life and labour of the people of London*. London: Macmillan, 1902.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASSIDY, Amanda. ‘I’ve officially been squeezed out of the Dublin rent rat race. I’m moving an hour and a half away. *Image*, Dublin, 25 Jan. 2020. Disponível em: <https://www.image.ie/life/officially-been-squeezed-dublin-rent-rat-race-moving-hour-half-away-dublin-rent-crisis-154373>. Acesso em: 7 jun. 2020.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

FETZNER, Thiemo. *Did austerity cause Brexit?* Coventry: University of Warwick, 2018. Disponível em: <http://wrap.warwick.ac.uk/106313/7/WRAP-did-austerity-cause-Brexit-Fetzer-2018.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

FUNCK, E. A. *Breve história da Inglaterra*. Porto Alegre: Movimento/Edunisc, 2012.

GASKELL, Peter. *The Manufacturing Population of England: its moral social and physical conditions, and the changes which have arisen from the use of steam machinery*. London: Baldwin and Cradock, 1883. Disponível em: <https://archive.org/details/manufacturingpop00gaskuoft/page/2/mode/2up>. Acesso em: 21 jun. 2020.

HILL, Amelia. UK's renting millennials face homelessness crisis when they retire. *The Guardian*, London, 17 July 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2019/jul/17/renting-millennials-homelessness-crisis-retire>. Acesso em: 7 jun. 2020.

HOBSON, John. *The Eastern Origins of Western Civilization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

JONES, Gareth Stedman. *Outcast London: A Study in the Relationship Between Classes in Victorian Society*. London: Penguin Books, 1984.

LONDON, Jack. *Caninos brancos*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

LONDON, Jack. *O chamado selvagem*. São Paulo: Hedra, 2015a.

LONDON, Jack. *O lobo do mar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015b.

LONDON, Jack. *The People of the Abyss*. North Charleston: CreateSpace, 2008.

MANTOVANI, Marcos. *Jack London: uma precoce prática etnográfica em O povo do abismo e O cruzeiro do Snark*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015.

McNAMEE, Michael. Dublin: Cost of living forces people to abandon city. *BBC*, Northern Ireland, 26 Dec. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-50420548#:~:text=The%20Republic%20of%20Ireland's%20capital,reach%20more%20than%20%E2%82%AC1%2C500>. Acesso em: 7 jun. 2020.

McWILLIAMS, David; TAYLOR, Cliff. Ireland's housing crisis in five revealing graphs. *The Irish Times*, Dublin, 26 Jan. 2020. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/life-and-style/homes-and-property/ireland-s-housing-crisis-in-five-revealing-graphs-1.4150332>. Acesso em: 7 jun. 2020.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.

MORETTI, Franco. *O burguês: entre a história e a literatura*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

OLIVEIRA, G. F. de; CARREIRO, G. S. P.; FERREIRA FILHA, M. DE O.; LAZARTE, R.; VIANNA, R. P. de T. Risco para depressão, ansiedade e alcoolismo entre trabalhadores informais. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 12, n. 2, p. 272-7, 2010.

Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/10354/6909>. Acesso em: 28 maio 2020.

O'LOUGHLIN, Ed. Housing Crisis Grips Ireland a Decade After Property Bubble Burst. *The New York Times*, New York, 8 Aug. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/08/08/world/europe/housing-crisis-ireland.html>. Acesso em: 7 jun. 2020.

ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PANAYI, Panikos. *An Immigration History of Britain: Multicultural Racism since 1800*. London: Routledge, 2010.

RULE, Fiona. *The worst street in London*. Hershaw: Ian Allan Publishing, 2010.

SOUZA, Carlos Augusto Hentges. *London em Londres: Jornalismo, Literatura, O Abismo em 1900*. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ZOLA, Émile. *L'Assommoir*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ZOLA, Émile. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. Tradução de Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.